

REVISANDO A GUERRA COMERCIAL EUA-CHINA: UMA AVALIAÇÃO ESTRATÉGICA

Ramla Khan¹
Zaeem Hassan Mehmood²

Introdução

Zhaohui Wang argumenta em seu artigo *Understanding Trump's Trade Policy with China: International Pressures Meet Domestic Politics* que “a política comercial de Trump com a China é fundamentalmente impulsionada pela relação cada vez mais competitiva entre os Estados Unidos e a China, que influenciou a percepção de Trump em relação à China como principal concorrente estratégico da América e a preocupação com o déficit comercial dos Estados Unidos, reforçada pela influência de Trump sob o Partido Republicano durante a polarização interna dos Estados Unidos (Wang 2019). John Conybeare define guerra comercial como um conflito internacional no qual “os estados interagem, negociam e retaliam principalmente sobre objetivos econômicos diretamente relacionados aos bens comercializados ou setores de serviços de suas economias, e onde os meios usados são restrições ao livre fluxo de bens ou serviços” (Bastos 2017).

A pesquisa foi criada para estudar a interpretação da política de guerra comercial nas relações internacionais. O objetivo é diagnosticar o que os analistas globais e outros Estados presumem sobre um determinado país quando este passa por uma guerra comercial, ou seja, qual seria a opinião internacional quando os Estados Unidos da América – a superpotência líder,

¹ Doutora em Relações Internacionais pela Universidade Nacional de Defesa de Islamabad. Sua pesquisa sobre assuntos globais contemporâneos já foi reprisada em plataformas nacionais e internacionais.

² Doutorando em Relações Internacionais e Ciência Política na Universidade de Greenwich, em Carachi. Foi Pesquisador Associado do Instituto Nacional de Assuntos Marítimos do Paquistão.

em um dilema de segurança e petrificada frente à suposta ascensão pacífica da China. Além disso, busca-se entender a mentalidade e a compreensão de um líder no campo externo que coloca em prática a política de tarifas contra outro Estado. O artigo explora como o conflito é uma consequência da rivalidade internacional, bem como de razões políticas domésticas.

Métodos de Pesquisa

As opiniões dos principais especialistas em comércio e política externa foram estudadas para realizar uma avaliação razoável sobre a guerra comercial dos Estados Unidos com a China. O modo qualitativo de análise é adotado ao longo do artigo. Para este propósito, as perspectivas de instituições multinacionais e *think tanks* de renome foram coletadas de suas pesquisas e publicações. Além disso, para evitar opiniões preconcebidas em relação à visão de um estado, perspectivas alternativas sobre o assunto foram estudadas, particularmente provenientes da Europa e do Leste Asiático, para explorar diferentes ângulos e perspectivas. O cenário é então avaliado sob o manto da “Teoria da Escolha Racional”, empregada por uma série de economistas políticos e especialistas da época de Adam Smith, que baseou sua obra-prima “Riqueza das Nações” com a base do modelo.

Karen Thierfelder observa que “desde o início de 2018, os Estados Unidos introduziram novas tarifas sobre as importações de vários parceiros comerciais, citando preocupações com a segurança nacional, práticas comerciais desleais ou prejuízo grave às indústrias domésticas” (Devarajan et al 2018). Porém, mais tarde, uma lista exclusiva foi elaborada para lançar tarifas sobre as importações da China, que mais tarde seguiram uma política de represália. É comum, agora, que as políticas comerciais sejam avaliadas como uma extensão de um processo político que não necessariamente gera maximização agregada de bem-estar (Razin 2011). Os Estados Unidos supostamente usaram elementos de guerras comerciais anteriores na história para renovar a economia no período da Grande Depressão (Fearon e Crafts 2013). O projeto de lei de tarifas Smooth Hawley foi aprovado pela primeira vez pelo Congresso americano sob o Presidente Herbert Hoover em 17 de junho de 1930 (Crucini 2003). Nos tempos contemporâneos, Washington tem aplicado leis protecionistas contra seus parceiros comerciais. Por exemplo, o México, em função de questões ligadas à imigração.

Guerra Comercial e Relações Internacionais

Nas Relações Internacionais, uma guerra comercial ocorre quando um Estado aplica e aumenta tarifas para aumentar o custo do transporte de mercadorias através das fronteiras, fazendo com que o outro país responda na mesma moeda, ou seja, retalie por meio de formas semelhantes de protecionismo comercial (Melese et al 1989). Na história, os Estados viveram guerras comerciais cujos resultados foram menos favoráveis, tanto internamente quanto globalmente.

Na esfera do Realismo, a guerra comercial é classificada como um estratagema egocêntrico-egoísta adotado por países concorrentes. Os estados envolvidos no processo atuam como uma entidade introvertida dominada pelos ganhos relativos. Os interesses nacionais são colocados acima do bem-estar global, já que a liderança política é responsável apenas pelo âmbito doméstico e pelo crescimento de sua própria economia. A guerra comercial pode ser ainda melhor contemplada em uma abordagem de contraste para “empobrecer o vizinho”, que o notável economista Adam Smith criticou em seu livro “A Riqueza entre as Nações” (Geisst 2013). A abordagem também leva em conta o lucro privado de uma determinada parte, enquanto negligencia as demais. “Mendigar o seu vizinho se refere às políticas econômicas e comerciais que um país promulga e que acabam afetando adversamente seus vizinhos e/ou parceiros comerciais” (Hayes 2021).

Além disso, uma guerra comercial também envolve a aplicação de tarifas para ganhos pessoais e exploração de outros adversários. Quando a superpotência enfrenta um dilema de segurança econômica em relação à uma potência em ascensão, é muito provável que uma guerra comercial seja lançada contra ela para conter seu crescimento. A temporada de guerras comerciais do passado foi interpretada por analistas de relações internacionais como “um Natal de doze dias”, já que nos estágios iniciais os Estados desfrutaram de incentivos e certos privilégios, mas no longo prazo a situação continua a piorar. Estima-se que a competição pode não deixar vencedores no final, mas oportunidades para entidades não participantes do conflito. Na literatura recente, terminologias como a de dano colateral que, de acordo com Georg Meggle, significa “um dano que, em contraste com o objetivo pretendido da ação que causou esse dano, não era intencional” (Schwenkenbecher 2014) e efeito dominó “quando você faz uma mudança em um comportamento e ele ativará uma reação em cadeia e também causará uma mudança nos comportamentos relacionados” (Clear 2020), foram usadas consecutivamente junto da ideia de guerra comercial.

Guerra Comercial Estados Unidos-China

O início de uma guerra comercial oficial dos Estados Unidos com a República Popular da China foi registrado no ano de 2018. No entanto, alguns analistas acreditam que a guerra comercial já havia começado muito antes, durante a administração Obama quando, no ano de 2010, Pequim ultrapassou Washington, tomando o título de “maior nação manufatureira do mundo” ou, provavelmente, quando a China se tornou membro da Organização Mundial do Comércio em 2001 (Feng 2006).

O plano de guerra comercial de Washington contra Pequim enfrentou negação substancial, mesmo antes de ser elaborado. Os assessores na Casa Branca não se sentiram satisfeitos com a decisão do então presidente Donald Trump de lançar um esquema tarifário contra a China, uma potência econômica mundial. Especulou-se que o Sr. Gary Cohn, Conselheiro Chefe da Administração Trump, um defensor do livre comércio, ficou furioso com os planos do Sr. Trump de impor tarifas sobre as importações de alumínio e aço, o que se tornou a razão para sua renúncia em 6 de março de 2018. Ele observou que a guerra comercial de Trump com a China sairia pela culatra e impactaria negativamente a economia dos Estados Unidos, de acordo com o ex-conselheiro econômico principal, que atuou como diretor do Conselho Econômico Nacional (NEC) na administração Trump (BBC 2019). Durante seu mandato, Donald Trump criticou até mesmo parceiros e aliados como a Alemanha por suas relações comerciais com a China. Nas palavras de Mohamad Zreik, “surpreendentemente a Europa não concordou com a política econômica de Trump em relação à China e pediu-lhe que recuasse e, com essa estratégia americana, os europeus se tornaram mais próximos da China e teceram uma aliança econômica” (Zreik 2020).

Argumenta-se que as relações hostis entre as duas entidades sempre sobreviveram, no entanto, o veredicto da administração Trump de programar uma pesada guerra tarifária em represália contra a China deu uma nova face às relações bilaterais, que dificilmente sofrerá uma reação imediata sem que sejam remendas pela nova administração encarregada da Casa Branca. Prasenjit K. Basu afirma que uma sombra perigosa foi lançada sobre a ordem global pela ousadia de Trump e a ameaça de uma “nova Guerra Fria” não beneficiaria nenhum Estado. Da mesma forma, os vários estudiosos das relações internacionais, incluindo Pinkai, limitam-se ao fato de que o fenômeno e decisão pela guerra comercial são uma opção perigosa que não resulta em vitórias (Basu e Bhattacharya 2018).

Consequentemente, pode-se facilmente entender que, no mundo e nas Relações Internacionais, a guerra comercial entre os Estados Unidos e a

China seja vista como uma abordagem pouco apreciada. Guoyong Liang, do Escritório de Assuntos Econômicos, Divisão de Investimentos e Empresas, Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) em seu livro recente, indica: ‘A guerra comercial pode trazer riscos imprevisíveis para ambas as economias. Mais importante, não devemos olhar apenas para questões comerciais, números econômicos e efeitos estáticos, mas também considerar impactos indiretos, implicações políticas e consequências de longo prazo (Liang e Ding 2020). O Vivekananda International Foundation (VIF) (think tank com sede em Delhi) afiliado ao Major General PK Mallick também faz uma análise análoga: “As tarifas são um instrumento muito pobre para punir a China por quaisquer práticas comerciais desleais” (VIF 2018). Ele racionaliza que o custo paralelo é pago por ambas as extremidades, particularmente pelas agências nacionais e locais. Seu roteiro afirma: Quando um grande país como os EUA impõe tarifas, a dor é dividida entre os consumidores que pagam preços mais altos e as empresas produtoras no exterior que têm de absorver margens de lucro menores. Alguns dos custos serão arcados por:

1. Consumidores norte-americanos.
2. Empresas norte-americanas que produzem na China ou usam produtos intermediários da China.
3. Empresas em países fornecedores da China (em grande parte, aliados dos Estados Unidos).
4. Empresas chinesas (principalmente privadas)

A mesma análise pode ser aplicada às tarifas retaliatórias chinesas. Os consumidores chineses pagarão mais pela soja e produtos como a carne de porco que dependem da soja. As companhias aéreas chinesas serão menos produtivas se não puderem comprar aeronaves americanas. Acontece que essas exportações dos Estados Unidos têm conteúdo principalmente doméstico, de modo que a maior parte da dor sentida pelos produtores será dentro dos Estados Unidos. Existem alguns setores em que as exportações da China consistem principalmente em valor agregado domesticamente (VIF 2018).

Análise Conceitual: Escolha Racional

A teoria da Escolha Racional, também conhecida como Modelo de Tomada de Decisão Racional (RDMM), é amplamente usada para examinar a

tomada de decisão em política externa (Kahler 1998). Sua aplicação permite que os formuladores políticos descubram as desvantagens e vantagens de uma opção estratégica em relação a outra. A avaliação permite escolher a opção mais vantajosa.

Os Estados Unidos permaneceram como a única superpotência depois que a Guerra Fria chegou ao fim. Também detinha supremacia econômica em quase todas as regiões do globo. No entanto, desde a transição bem-sucedida da China e as reformas comerciais em direção à economia de mercado em 1978 e, particularmente, por meio do reestabelecimento de laços diplomáticos com Washington no acordo de comércio bilateral de julho de 1979, o comércio total Estados Unidos-China (exportações e importações) foi de aproximadamente US\$ 4 bilhões (VIF 2018). Os valores atingiram US\$ 600 bilhões em 2017. A China começou a se desenvolver e crescer mais do que a economia dos Estados Unidos. Isso foi percebido como uma séria ameaça aos interesses dos Estados Unidos ao cativar uma grande fatia do mercado internacional às custas da economia americana, cujos investidores viam a manufatura na China como sendo mais lucrativa e econômica. Portanto, a economia dos Estados Unidos começou a sofrer, assim como a sua posição na ordem mundial global. Nos últimos anos, a China possui um superávit no comércio bilateral com os Estados Unidos, e a conformidade de Washington com o déficit comercial tem gerado preocupação entre os legisladores americanos e o público. Sob pretexto da segurança nacional e do interesse dos Estados Unidos, Trump percebeu a guerra comercial como uma escolha pertinente para conter a ascensão chinesa e as apreensões internas. Tal política tem sido a realidade de seu manifesto presidencial de 2017 “*US first. Make America Great Again*” (“Os Estados Unidos primeiro. Torne a América Grande Novamente”). Para a administração de Trump, o desequilíbrio importação/exportação com a China – que expandiu para US\$ 375,2 bilhões em 2017 em relação aos anteriores US\$ 347 bilhões em 2016 – é uma preocupação séria (Swenson e Woo 2019). Para consertar, a estratégia protecionista foi vista e reivindicada como uma decisão razoável e racional. No entanto, a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China gerou uma relação hostil e aguda entre os dois lados, gerando mais hostilidade e competição em vários outros âmbitos.

Para os Estados Unidos, as barreiras comerciais às importações da China são racionais, pois protegem a indústria local e os fabricantes que são duramente atingidos pelos produtos baratos chineses. Este é também o argumento apresentado pela Lista de Frederick na Teoria do Protecionismo, que permite aliviar a pressão sobre a indústria nacional ao restringir a concorrência internacional. List argumenta ainda que é direito do governo iniciar uma política que traga progresso econômico em seu país. Ironicamente,

Trump afirma o mesmo afirmando que “a China deve fazer acordos justos com os Estados Unidos” (Long 2016).

Lina Eriksson assume que, no cenário da teoria da escolha racional, os agentes/Estados teriam preferências consistentes de longo prazo (Eriksson 2011). Por exemplo, no caso de guerra comercial Estados Unidos-China, o objetivo final de Washington seria reduzir e restringir a ascensão pacífica da China. Ao fazê-lo, pretende-se manter uma posição superior na economia global e nos assuntos relevantes. Isso pode incluir colocar em risco a Belt and Road Initiative (BRI) e apoiar os Estados que são antagônicos à China. Portanto, a preferência de longo prazo dos Estados Unidos é conter e impactar a ascensão pacífica de seu concorrente à uma superpotência global, e a guerra comercial é uma extensão dos objetivos tradicionais americanos de conter o progresso e ascensão da China. Erickson também afirma que os agentes/Estados são atores autointeressados e racionais que sempre buscariam maximizar seus interesses. Isso assenta estritamente no pressuposto de que os atores da comunidade internacional nunca atuam contra os seus interesses nacionais. A guerra comercial, conforme especificado e explicado acima, é um estratagema egoísta, adotado para beneficiar a economia do próprio Estado, enquanto negligencia o bem-estar global.

Agentes Internacionais

De acordo com a posição apresentada acima, de que os agentes internacionais desempenham um papel instrumental fundamental na promoção de uma guerra comercial, nesta seção são debatidos os fatores internacionais que são contemplados como sendo o grão da guerra comercial lançada pelos Estados Unidos em relação à China.

Resistindo à Inimizade Sino-Americana

O Ministério do Comércio chinês emitiu um comunicado dizendo: “Se o lado americano ignorar a oposição da China e da comunidade internacional e insistir em aplicar o unilateralismo e o protecionismo, o lado chinês irá até o fim e não recuará”. A guerra comercial não poderia incomodar a ascensão pacífica chinesa, uma frase cunhada por Zheng Bijian no final de 2003, que garantiu ao mundo que a ascensão da China como uma potência global seria única e não agressiva. Desde as mudanças nas equações de poder que pareciam indicar a ascensão econômica da China em relação aos Estados Unidos, vários presidentes norte-americanos desenvolveram esforços para

criar relatividade na Ásia, para obstruir o crescimento plácido de Pequim. Nessa relação, Washington está há anos focado em amarrar nós com aqueles que são hostis aos chineses em sua vizinhança. A Índia é um desses Estados substitutos escolhidos para conter a influência chinesa na região. No entanto, a ascensão pacífica não poderia ser desafiada e destruída.

A literatura contemporânea do Ocidente e do Oriente também prevê a nova ascensão e mudança nas redes polares, o que fortalece a animosidade entre os formuladores políticos e autoridades norte-americanas. Isso alarma o Pentágono, aumentando e diminuindo a tensão. A guerra comercial era uma medida de precaução a esse respeito. Barry Buzan descentrou o globalismo; a estimativa de Yan Xuetong sobre a agitação da polaridade nos próximos anos em seu livro “Leadership and the Rise of Great Powers”; e os sinais de multipolaridade de John Mearsheimer, são adequados para colocar Washington em dilemas de segurança. Wang Shouwen, vice-ministro do Comércio da China, disse que a China não queria uma guerra comercial com os Estados Unidos, mas estava pronta para a guerra se ela acontecesse. Semelhantes são as interpretações do Presidente norte-americano Joe Biden, conforme a declaração: “Não há nada inevitável sobre um conflito com a China” (BBC 2021).

Reclamações dos Estados Unidos e a OMC

Uma série de relatos decodifica certos eventos que contribuíram à ascensão e ideia de Pequim como um gigante econômico, que se tornaram motivos de queixas por parte dos Estados Unidos. Por exemplo, como mencionado acima, a entrada da China na Organização Mundial do Comércio em dezembro de 2001 foi um grande hematoma, pois se esperava que a adesão à OMC facilitasse a transição da nação comunista em uma economia liberal dentro de um sistema baseado em regras planejado e implementado pelos Estados Unidos. No entanto, o cenário acabou oposto às esperanças do Pentágono. A adesão à OMC veio como uma oportunidade significativa para que a China ganhasse um lugar nas salas de decisão do Primeiro Mundo, uma ameaça óbvia à autonomia global de Washington (Chan, Lee e Chan 2008).

A OMC é acusada de facilitar o mercantilismo estatal de Pequim para adentrar os países com suas exportações baratas, ao mesmo tempo em que impede o acesso estrangeiro ao seu próprio mercado (Schlesinger, 2017). Acusa-se que a organização falhou em penalizar o governo chinês contra suas práticas ilegais de altas tarifas e roubo de conteúdo doméstico, bem como por forçar empresas americanas a transmitir propriedade intelectual para obter acesso ao mercado chinês (Bacchus, Lester e Zhu 2017). Peter Navarro,

conselheiro comercial do presidente Donald Trump, comentou em uma entrevista “A mensagem deste governo para a OMC foi clara. As coisas têm que mudar” (Schlesinger 2017). Na ordem internacional existente, os Estados Unidos se veem como a base moral elevada e objetivam coagir a China a abandonar suas políticas de manufatura de alta tecnologia e transferência de tecnologia de empresas estrangeiras para preservar seu domínio global.

Nesta perspectiva, julga-se que Washington está deliberadamente fraturando a instituição de longa data, depois de não ter conseguido obter os resultados desejados com ela. Principalmente por dificultar a nomeação de novos delegados do órgão de apelação, que só pode ser feita por consenso de todos os membros. Trump manteve em seus discursos sobre a organização que esta permitiu um tratamento injusto para com os Estados Unidos. Em uma entrevista de 2018, ele disse: “Se eles não se readequarem eu me retiraria da OMC”. A Organização Mundial do Comércio, instituição fundada em 1947, possui um sistema multilateral para resolver disputas comerciais e econômicas. Tem sido um sucesso na mediação entre os países e na obtenção de acordos como o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), a Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA), o Acordo de Livre Comércio da Ásia (SAFTA), a União das Nações Sul-Americanas (UNASUR) e outros. Foi ponderado, assim, que os Estados Unidos, sendo um membro convicto da OMC, fosse levar o conflito de maneira apropriada à organização, para ser resolvido. Os membros da OMC estão predeterminados a agir conforme a fórmula em que, se eles considerarem que “outros membros estão violando tais regras comerciais, eles usarão o sistema multilateral para resolver essas disputas em vez de retaliar com seus próprios aumentos de tarifas”. Examina-se que, no cenário acima, as autoridades americanas também devem ser responsabilizadas por não cumprir as políticas impostas a todos os membros da OMC e por questionar a sua soberania. Além disso, Trump estava ciente das várias complexidades que Washington poderia enfrentar se abraçasse o processo de resolução da OMC.

O Entendimento sobre a Solução de Controvérsias (DSU) da OMC é uma custosa estrutura legal que ajuda a resolver conflitos entre os seus membros. Apenas a alegação sobre direitos de propriedade intelectual, exclusivamente em relação à China, geraria custos de mais de US\$ 300 a US\$ 600 bilhões por ano. Portanto, a escolha racional de um líder de mentalidade empresarial foi uma guerra tarifária contra o seu oponente. Sob sua administração, considera-se que Washington agiu contra a soberania da OMC, adotando regras e comportamentos de sua escolha quando necessário. O órgão foi marginalizado na disputa comercial, apesar da conhecida posição de que as tarifas não podem ser aplicadas aos países membros. A justificativa

institucional por trás da alavancagem à China nos últimos anos também se deve a certas obrigações encontradas na carta da OMC, que estabelece que um país em desenvolvimento detenha o direito, até certo ponto, de usar práticas não mercantis para estimular o desenvolvimento econômico (WTO 2021).

O conferencista de relações internacionais da Universidade da Pensilvânia, Farah N. Jan, define o comportamento dos Estados Unidos com a OMC: “Quando a OMC se alia aos EUA, o governo Trump recebe o crédito e elogia a instituição” (Jan e Phansalkar 2019). A literatura do periódico *China Quarterly of International Strategic Studies* explica a posição chinesa: “Na verdade, não há prova de que o governo chinês formulou ou implementou qualquer política de transferência forçada de tecnologia; e a noção de “tecnologia de apoio ao regime autoritário da China” nada mais é do que uma nova forma de politização das questões econômicas e tecnológicas. Ao exagerar os riscos de segurança ou até mesmo inventar os “antecedentes governamentais” de empresas chinesas como a Huawei, o governo Trump tenta negar os direitos e interesses legítimos das empresas chinesas para expandir os mercados no exterior” (Sun 2019).

A Segurança Nacional de Washington Minando a Democracia

Os Estados Unidos são uma democracia e aquele que projetar uma ameaça ao seu igualitarismo é percebido como inimigo de sua segurança nacional. Todos os líderes norte-americanos, até o recém-eleito presidente Joe Biden, permaneceram excessivamente reativos a qualquer perigo contra as normas democráticas. A ideia de uma vez líder, sempre líder, explica o atual comportamento dos Estados Unidos, em que Washington não está disposto, a nenhum custo, a ceder a liderança do mundo a qualquer outro. Sempre que um agente parece estar tomando ritmo no sistema internacional, busca-se conter sua ascensão e crescimento. Semelhante foi o problema durante a Guerra Fria e semelhante é o caso nas relações Estados Unidos-China. A China, um regime autocrático com regras próprias, dominou a economia quando começou a emergir em diversas plataformas, principalmente nos mercados de comércio, moeda e defesa. O cenário não poderia ser suportado pelas autoridades e elites americanas. Assim, eles tentaram derrubá-la apelando a reclamações sobre as posturas agressivas da China no Mar do Sul da China, à liberdade de navegação em águas internacionais e à OMC. Os Estados Unidos, portanto, consideram a guerra tarifária como a única ferramenta para limitar e restringir o seu crescimento econômico. Conforme Sun Haiyong, pesquisador sênior do Center for American Studies:

“Os Estados Unidos dificilmente podem se reconciliar com a ascensão

de uma grande potência com um sistema político e ideologia distintos. No que diz respeito à grande estratégia nacional, o governo Trump considerou a China como seu concorrente mais formidável, portanto, pretende diminuir e adiar o desafio da China à hegemonia global dos EUA ao conter o desenvolvimento das indústrias de alta tecnologia da China, a partir das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), representadas pela tecnologia 5G, pois desempenha um papel importante na nova rodada de modernização industrial e sendo que as empresas chinesas têm desfrutado de muita vantagem neste campo”.

Agentes Domésticos

A seguir são propostos fatores que alimentaram internamente a guerra comercial EUA-China.

O Crescente Déficit Comercial Norte-Americano

O inequívoco agente que patrocinou a corrida pelo protecionismo dos Estados Unidos em relação à China foi o crescente déficit comercial de Washington, que vem crescendo desde as últimas décadas. A balança comercial não resolvida desempenhou um papel fundamental nisso. O governo Trump justificou a aplicação da guerra comercial como um passo para estimular a população americana a consumir e comprar produtos nacionais. Uma das características únicas da política econômica de Pequim diz respeito à sua mão de obra barata, que cativa os compradores estrangeiros em todo o mercado internacional. Mesmo os fabricantes e organizações de países desenvolvidos, como Estados Unidos e Europa, buscam esse benefício, pois desejam criar seus bens e produtos a baixo custo, transferindo suas produções para Pequim. Ao fazer isso, a mão de obra doméstica enfrenta o desemprego. A abordagem chinesa de manter as taxas baixas e favoráveis ao exterior mantém o fluxo de comércio limitado a um local. No geral, os empregos manufatureiros nos Estados Unidos caíram cerca de 27% desde 1998 (Amadeo 2021). O déficit dos Estados Unidos é o resultado do fervor americano para importar bens manufaturados e automóveis. Em 2019, o déficit do país foi estimado em US\$ 617 bilhões, quando comprou US\$ 3,1 trilhões em bens e serviços e exportou US\$ 2,5 trilhões. Trump iniciou uma guerra comercial para reduzir o déficit comercial dos EUA, que tem sido o maior do mundo desde 1975. A redução do déficit continuou sendo parte central do plano de Trump para criar mais empregos. Ele citou durante a campanha eleitoral: “Estou concorrendo a presidente para acabar com a injustiça e colocar você, o trabalhador americano, em primeiro lugar”.

Figura 1: Déficit Comercial Americano com a China



Fonte: Amadeo (2021).

A Presidência de Donald Trump

A convicção de que a China estava florescendo ao custo das empresas americanas e seus instrumentos conjuntos, como o empréstimo de dinheiro do tesouro americano e a inteligência artificial, ganhou ímpeto e maior ênfase durante a presidência de Trump. Quando o 45º presidente-eleito dos Estados Unidos da América assumiu o poder, a única ideia que ele continuou promovendo foi: “Precisamos reformar nosso sistema econômico para que, mais uma vez, possamos todos ter sucesso juntos e a América possa se tornar rica novamente. Vamos tornar a América rica novamente” (Renchon e Suedfeld 2021). Essa foi a síntese central das campanhas eleitorais que ele dirigiu antes de vencer a Casa Branca em 20 de janeiro de 2017 (Político 2016). Ele prometeu derrubar a ameaça chinesa e sua ascensão pacífica. Ao falar em sua campanha eleitoral de 2016, ele indiretamente definiu as corporações americanas e a classe empresarial que, para conseguir tarifas baratas, tiveram um papel na redução do emprego nos Estados Unidos. Ele mencionou; “Chegamos aqui porque mudamos de uma política de americanismo - com foco no que é bom para a classe média da América - para uma política de

globalismo, com foco em como ganhar dinheiro para grandes corporações que podem transferir sua riqueza e trabalhadores para países estrangeiros, todos para o detrimento do trabalhador americano e da economia americana. Recompensamos as empresas por terceirizar e punimos as empresas por fazerem negócios na América” (Schlafly e Decker 2020).

O ex-presidente Donald Trump havia proclamado sua guerra contra a China no ano de 2016, durante sua campanha política para a presidência. A guerra comercial é interpretada como um dos eventos mais sérios da história das relações sino-americanas. O lançamento da guerra comercial foi considerado uma catástrofe e um obstáculo colossal que o Presidente norte-americano Donald Trump criou para a sua própria economia, a classe empresarial dentro e fora dos Estados Unidos.

Ele detinha a convicção de que as ex-presidências dos Estados Unidos não lidaram bem com as políticas de elevação comercial da China e deram a ela a oportunidade de se tornar uma grande superpotência econômica. No entanto, ele não conseguiu entender o próprio fato de que a correlação entre a China e os Estados Unidos e entre o dólar e o Yuan é baseada na mutualidade e na interdependência. Um deles depende das exportações, enquanto a China também é endossada pelo dólar em suas negociações comerciais e haverá impacto recíproco para Pequim se Washington se enfraquecer (Zreik 2021). O problema criado pelos Estados Unidos certamente não é fácil de resolver. Instituições como a OMC ainda não podiam desempenhar qualquer papel influente na resolução dessa disputa econômica apoiada na politização. A opinião de que a ideia de guerra comercial tem menos probabilidade de superar quaisquer triunfos está agora mostrando sua autenticidade, quando os Estados Unidos perderam vários parceiros comerciais competitivos e robustos. Não apenas foi abandonado o ciclo comercial com a China, mas também Washington, que era um apiário de acionistas e investidores, agora está perdendo sua força econômica de forma constante. É aquele ponto da história em que os empresários estão escolhendo outros mercados que não os Estados Unidos para lucrar com suas finanças. Como uma repercussão dessa turbulência na guerra comercial, as classificações das pessoas mais ricas do mundo estão sendo reorganizadas (Pendleton, Feng e Metcalf 2020). As 500 pessoas mais ricas do mundo estão perdendo uma média de US\$ 71 bilhões por dia à medida que os mercados financeiros globais despencam. A Harley Davidson, notável empresa de manufatura de motocicletas dos EUA, após a turbulência das tarifas e as enormes políticas de protecionismo do ex-presidente norte-americano, revelou que seu esquema de se mudar para a Europa foi confrontado com diálogos tortuosos pelos negócios de Trump. Ele disse: “Estamos fazendo com que outros países reduzam e eliminem tarifas

e barreiras comerciais que foram usadas injustamente durante anos contra nossos agricultores, trabalhadores e empresas”, disse ele. “Estamos abrindo mercados fechados e expandindo nossa presença. Eles devem jogar limpo ou pagarão tarifas!” (Bredemeier 2018).

Considerações Finais

A guerra comercial iniciada pelos Estados Unidos tem o objetivo de moldar novas realidades internacionais. Com Joe Biden na Casa Branca, previa-se que a guerra comercial poderia chegar ao fim, mas seu governo também está comprometido com a ideia de lutar contra a presença China na economia de mercado. Nenhum dos lados, Pequim ou Washington, está pronto para se desconectar, por enquanto. Embora haja a percepção de que as duas pontas estão sofrendo igualmente no trilho, sem probabilidade de vitória, Washington provavelmente perderá mais, pois adotou métodos protecionistas não apenas com a China, mas também com outros Estados engenhosos e, frequentemente, aliados. A economia dos Estados Unidos perdeu US\$ 7,8 bilhões apenas no ano passado como resultado da guerra comercial. No entanto, a China está se abrindo para a Ásia e a Europa através da Nova Rota da Seda; enquanto os Estados Unidos estão fechando portas e aumentando impostos para viver em isolamento econômico; e uma guerra comercial desafiando seus valores e ideais capitalistas.

O Major General PK Mallick (2018) conta: “Isso poderia prejudicar a atual expansão econômica global e paralisar as empresas norte-americanas que dependem de negócios com a China. Também pode complicar ainda mais as prioridades geopolíticas, uma vez que a administração (Trump) contou com a ajuda dos chineses para resolver a crise com a Coreia do Norte”.

Como Ryan Rass escreve no *The Brookings* “um candidato em 2016, Donald Trump construiu seu argumento para a presidência em torno de sua alegada perspicácia como negociador” (Hass e Denmark 2020). O ex-presidente, sendo um empresário, não poderia jogar como um líder. A economia americana estava prosperando, mas agora também precisa manter sua designação de superpotência na arena global. Os empresários americanos não estão acostumados com essa situação econômica. Uma campanha de *lobby* de coalizão empresarial chamada “Tarifas prejudicam o coração” (Tariffshurt 2021), para protestar contra as tarifas propostas, foi lançada logo após, em setembro de 2019. O declínio constante dos empregos na indústria e o aumento do déficit comercial foram vistos como justificativa para iniciar uma guerra tarifária, porém a estratégia de comércio a guerra nunca beneficiaram

uma nação antes, nem é provável que o faça.

A Câmara de Comércio dos Estados Unidos expressou os riscos que podem advir deste conflito e a possibilidade de se transformar em uma guerra comercial internacional. No entanto, a situação ainda pode ser melhorada com medidas imediatas tomadas por meio do recém-eleito Presidente, Joe Biden, do Partido Democrata, alinhando sua perspectiva comercial e política com instituições globais como a Organização Mundial do Comércio. De 1995 até hoje, a OMC tratou de mais de 500 questões semelhantes, relacionadas a subsídios, tarifas ou medidas de proteção, entre outras reclamações contra Estados membros. A organização consegue resolver muitas diferenças por meio da mediação e encontrar uma solução que satisfaça as partes, mas realmente exigirá um estratagema mais viável para lidar com esta crise hegemônica.

REFERÊNCIAS

- Amadeo, K. 2021. "The Real Reason American Jobs Are Going to China". *The Balance*, April 30, 2021. Retrieved January 02, 2021. <https://www.thebalance.com/u-s-china-trade-deficit-causes-effects-and-solutions-3306277>
- Bacchus, James; Lester, Simon and Zhu, Huan. 2017. "Disciplining China's Trade Practices at the WTO: How WTO Complaints Can Help Make China More Market-Oriented". *Cato Institute*, November 15, 2018. Retrieved December 23, 2020. <https://www.cato.org/publications/policy-analysis/disciplining-chinas-trade-practices-wto-how-wto-complaints-can-help>
- Bastos, Maria Ines. 2017. "Chapter 1". In: *Winning The Battle To Lose The War? Brazilian Electronics Policy Under Us Threat Of Sanctions*. London: Routledge.
- BBC. 2019. "Trump's former top adviser: Tariffs backfiring on US". *BBC*, August 01, 2019. Retrieved January 02, 2021. <https://www.bbc.com/news/business-49187126>
- BBC. 2016. "Donald Trump's economic promises". *BBC*, November 09, 2016. Retrieved January 01, 2021. <https://www.bbc.com/news/business-37921635>
- BBC. 2021. "US-China Relations: Details Released of Biden's First Call with Xi". *BBC News*, February 11, 2021. <https://www.bbc.com/news/world-56021205>.
- Bredemeier, Ken. 2018. "Trump Accuses Harley-Davidson of Quitting on

- America". *VoaNews*, June 26, 2018. Retrieved January 02, 2021. <https://www.voanews.com/usa/trump-accuses-harley-davidson-quitting-america>
- Chan, Lai-Há; Lee, Pak K. and Chan, Gerald. 2008. "Rethinking Global Governance: a China Model in the Making?". *Contemporary Politics* 14, no. 1 (2008): 3-19. <https://doi.org/10.1080/13569770801913355>.
- Clear, J. 2020. "The domino effect: How to create a chain reaction of good habits". *Jamesclear*, February 03, 2020. Retrieved February 27, 2021. <https://jamesclear.com/domino-effect>
- Crucini, L. 2003. "Tariffs and the Great Depression revisited". *Locgov*. Retrieved November 17, 2020. <https://www.loc.gov/item/2005617037/>
- Eriksson, Lina. 2011. *Rational Choice Theory: Potential and Limits Political Analysis*. UK: Macmillan Education.
- Fearon, P. and Crafts, N. 2013. *The 1930s: Understanding the lessons. The Great Depression of the 1930s*, 45-73. doi:10.1093/acprof:oso/9780199663187.003.0002
- Feng, H. 2006. *The politics of China's accession to the World Trade Organization*. London: Routledge. doi:10.4324/9780203029411
- Geisst, Charles R. 2013. *Beggar Thy Neighbor: A History of Usury and Debt* (University of Pennsylvania Press, 2013). Access on Feb. 27, 2021. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt3fhnhv>.
- Grossman, G., and Helpman, E. 1993. *Trade Wars and Trade Talks*. Harvard Dash. 675-708.doi:10.3386/w4280
- Hass, R. and Denmark, A. 2020. "More pain than gain: How the US-China trade war hurt America". *Brookings*, August 25, 2020. Retrieved January 02, 2021. <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2020/08/07/more-pain-than-gain-how-the-us-china-trade-war-hurt-america/>
- Hayes, A. 2014. "Beggar-thy-neighbor definition". *Investopedia*, October 24, 2014. Retrieved February 27, 2021. <https://www.investopedia.com/terms/b/beggarthyneighbor.asp#:~:text=Beggar%20thy%20neighbor%20refers%20to,the%20economies%20of%20other%20countries>
- Jan, Farah N. and Phansalkar, Megan. 2019. "Trump's War on the World Trade Organization". *The Diplomat*, December 12, 2019. <https://thediplomat.com/2019/12/trumps-war-on-the-world-trade-organization/>
- Kahler, Miles. 1998. "Rationality in International Relations". *International Organization* 52, no. 4 (1998): 919-41. Access on Jan. 17, 2021. <http://>

- www.jstor.org/stable/2601362.
- Kenton, Will. 2020. "Balance of Trade (BOT) Definition". *Investopedia*, May 12, 2020. October 29, 2020. <https://www.investopedia.com/terms/b/bot.asp>
- Liang, Guoyong and Ding, Haoyuan. 2020. "The China-US Trade War". *The China-US Trade War*, 25–39. <https://doi.org/10.4324/9780429345241-3>
- Long, H. 2016. "How China doesn't play fair on trade". *CNN*, December 07, 2016. Retrieved February 28, 2021. <https://money.cnn.com/2016/07/12/news/economy/china-trade-donald-trump/>
- Mallick, Maj Gen P K. 2018. "US-China Trade War: Analyses of Deeper Nuances and Wider Implications". *Vivekananda International Foundation*, September 17, 2018. <https://www.vifindia.org/paper/2018/september/us-china-trade-war>
- Melese, F.; William F. Shughart II and Henderson, J. 1989. "Tit-For-Tat, Tariffs, and Time: A Dynamic Model of Trade Policy". *The International Trade Journal* 4, no. 2 (1989): 167–86. <https://doi.org/10.1080/08853908908523689>
- Metcalf, Tom; Feng, Venus and Pendleton, Devon. 2020. "Wealth Wipeout Reshapes Ranks of World's Richest People". *Bloomberg*, March 09, 2020. Retrieved January 02, 2021. <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-03-09/wealth-wipeout-reshapes-ranks-of-world-s-richest-billionaires>
- NBER. 2021. "Trade Wars: What Do They Mean? Why Are They Happening Now?". *NBER*. Access on February 5, 2021. https://www.nber.org/system/files/working_papers/w25762/w25762.pdf.
- Politico. 2016. "Full transcript: Donald Trump NYC speech on stakes of the election". *Politico*, June 22, 2016. Retrieved January 02, 2021. <https://www.politico.com/story/2016/06/transcript-trump-speech-on-the-stakes-of-the-election-224654>
- Prasenjit, B. and Pinaki, B. 2018. "U.S. China Rivalry Global Impact". *Vifindia*. Retrieved December 22, 2020. Available at: <https://www.vifindia.org/sites/default/files/national-security-vol-1-issue-2-colloquium.pdf>
- Razin, Asaf. 2011. *Trade and Tax Policy, Inflation and Exchange Rates: a Modern View*. Berlin: Springer.
- Renchon, S. A. and Suedfeld, P. 2021. *Trump Doctrine and the Emerging International System*. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan.
- Saon, Ray, and Miglani, Smita. 2021. "Implications of US–China Trade War

- for India". *The China-US Trade War and South Asian Economies*, 2021, 97-123. <https://doi.org/10.4324/9781003053613-10>.
- Schlaflly, P.; Martin; E. and Decker, B. M. 2020. *The conservative case for Trump*. Washington, DC: Regnery Publishing.
- Schlesinger, Jacob M. 2017. "How China Swallowed the WTO: The U.S helped create the group to smooth global commerce and integrate a rising China: Course Hero". *The Wall Street Journal*, November 1st, 2017. Retrieved December 23, 2020. <https://www.coursehero.com/file/41072881/How-China-Swallowed-the-WTOpdf/>
- Schwenkenbecher, A. 2014. "Collateral damage and the principle of due care". *Journal of Military Ethics*, 13(1): 94-105. doi:10.1080/15027570.2014.910015
- Shantayanan, Devarajan; Go, Delfin S.; Lakatos, Csilla; Robinson, Sherman and Thierfelder, Karen. 2018. "Traders' Dilemma: Developing Countries' Response To Trade Disputes". *Policy Research Working Papers*, 2018, 4. <https://doi.org/10.1596/1813-9450-8640>
- Sun, Haiyong. 2019. "U.S.-China Tech War". *China Quarterly of International Strategic Studies* 05, no. 02 (2019): 197-212. <https://doi.org/10.1142/S237774001950012X>.
- Swenson, Deborah L. and Woo, Wing Thye. 2019. "The Politics and Economics of the US-China Trade War". *Asian Economic Papers* 18, no. 3 (2019): 1-28.
- TariffsHurt. 2021. "Tariffs Hurt the Heartland". *Tariffs Hurt Online*, n.d. Access on February 16, 2021. <https://tariffshurt.com/>
- Wang, Z. 2019. "Understanding Trump's Trade Policy with China: International Pressures Meet Domestic Politics". *Pacific Focus*, 34 (3): 376-407. doi:10.1111/pafo.12148
- WTO. 2021. "World Trade Organization". WTO, access on February 15, 2021. https://www.wto.org/english/tratop_e/dispu_e/dispu_settlement_cbt_e/ciisipi_e.htm.
- Zreik, M. 2020. "The Dimensions of the US-China trade war". *Open Political Science*, 3(1): 47-55. doi:10.1515/openps-2020-0004

RESUMO

As relações entre os Estados Unidos da América e a República Popular da China têm sobrevivido aos históricos altos e baixos, mas a abordagem empregada pela Administração Trump envolvendo represálias e uma pesada guerra comercial-tarifária contra a China concedeu uma nova face às relações bilaterais entre os dois Estados. O artigo demonstra que agentes domésticos e internacionais desempenharam papel vital no início e fomento do confronto comercial entre Washington e Pequim desde 2018 até o momento. O objetivo do estudo é verificar como o clima político e interesses passados de um país condicionam os resultados da política em outro, bem como de que forma as pressões políticas internas sobre os políticos condicionam suas relações com suas contrapartes estrangeiras. O paradigma da teoria da escolha racional é adotado para fornecer uma compreensão conceitual ao desencadeamento da guerra comercial entre os gigantes econômicos.

PALAVRAS-CHAVE

Guerra Comercial China-EUA; Agentes Domésticos; Agentes Internacionais.

*Recebido em 20 de abril de 2021
Aprovado em 22 de maio de 2022*

Traduzido por Luana Margarete Geiger